

Werneck já não acredita em estabilização

O economista Rogério Werneck está pessimista. Acha que estabilizar a inflação nesta altura dos acontecimento está na área das impossibilidades plausíveis. "Elas são muito úteis em certas situações. Fazem sucesso no desenho animado, quando, por exemplo, o sujeito chega no abismo, caminha, e só cai se perceber que está lá. Se não perceber, não cai." A chance de acontecer um fato como este é a mesma de o Brasil conseguir estabilizar sua taxa de inflação. "Só há divergência agora sobre a data. Alguns acham que é setembro, outros que é dezembro, os mais otimistas pensam que é janeiro ou fevereiro."

Werneck sustenta sua convicção argumentando que há anos o Brasil está na ante-sala da hiperinflação. Hoje, o desequilíbrio fiscal chega ao seu pior momento, com o governo no máximo de sua falta de credibilidade e nos seus últimos meses. A saída, em sua opinião, seria dar um pequeno choque fiscal agora, recorrendo a medidas de emergência decretadas pelo Congresso. "Não sei porque deveríamos ficar inertes vendo o governo não fazer nada até 15 de março", questiona. Bacha não acredita em um acordo. "Os políticos não estão suficientemente amedrontados", diz, contando que colheu esta impressão em sua passagem de dois dias esta semana em Brasília.

Werneck está preocupado também com outro problema: "O choque fiscal para o próximo ano tem que ser negociado agora, porque continuam a existir o problema da anualidade mesmo com a mudança de governo", alerta.

Bacha pensa que o fato de o governo ter decretado, ainda que com atraso, a centralização do câmbio mostra que ele ainda tem instrumentos na mão. E deve usar os outros que tem para evitar o pior. "Estou falando em segurar as pontas", avisa Bacha. Ele pensa que o governo tem que evitar três tentações: o choque liberal, a indexação total e a parada brusca. A primeira idéia, que consiste em liberar câmbio e importações, levaria o Brasil a uma situação de hiperinflação por colapso cambial semelhante ao vivido pela Argentina. O aumento da indexação levaria o Brasil à situação da Hungria em 1946 que viveu a pior inflação da história. E o novo choque seria um desastre. Simonsen concordou com a tese. Ele disse que "a fúria do retorno da inflação ao fim do quarto choque mal sucedido será fatal". Seria também um desastre estabelecer inteira liberdade cambial sem um ajuste das contas do governo, na opinião de Simonsen.